



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública estadual pela lei 640
de 17/11/64 (D.O.01/12/64)

SEDE PRÓPRIA: Av. Rio Branco, 277 / 805 - Edifício São Borja
20047-900 Rio de Janeiro (RJ) BRASIL

TELEFONE: 0XX21-2220.3548

PÁGINA NA INTERNET: <http://www.cerj.org.br>

EMAIL: cerj@cerj.org.br

REUNIÕES SOCIAIS: quintas-feiras a partir das 20:00 horas

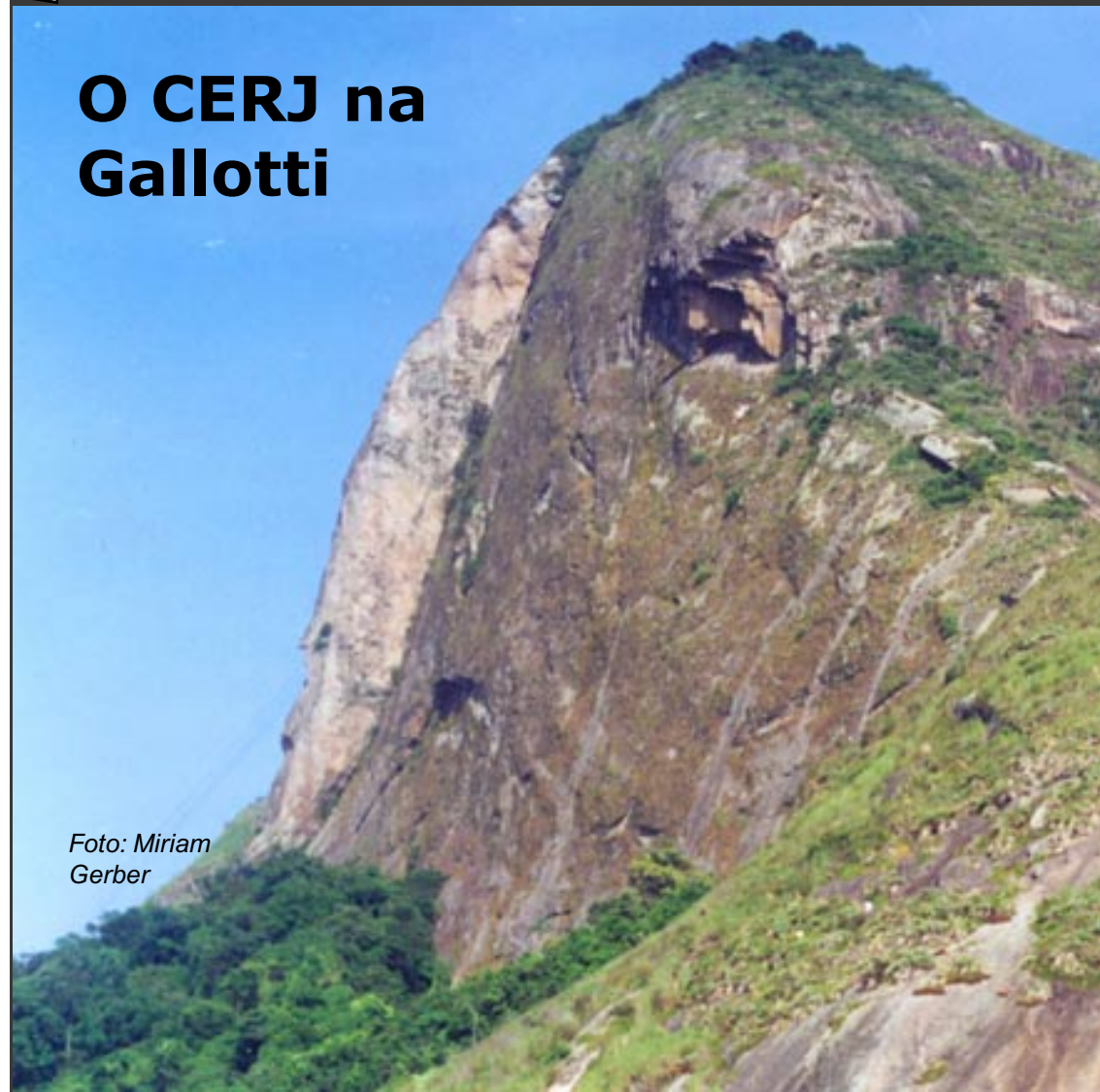
ANO 67 - NÚMERO 603 - MAIO de 2006

CERJ
Boletim

IMPRESSO

O CERJ na Gallotti

*Foto: Miriam
Gerber*





EXPEDIENTE 2006

Presidente:

José Carlos Muniz Moreira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Carrozzino

Secretário

José de Oliveira Barros

Tesoureiro

1 - Ana Paula de Almeida

2 - Solange Conde

Diretor Técnico

Júlio César Paes de Mello

Supervisor Técnico

Gustavo Moulin

Diretora Social

Paula Garcia (*in memorium*)

Natascha Krepsky

Diretor de Ecologia

Domingos Sávio Teixeira

Diretor de Divulgação

Silvia Noronha

Divulgação eletrônica

Mônica Costa

Auxiliar de Divulgação

Miriam Gerber

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Luiz Antonio Puppim

CONSELHO FISCAL

MEMBROS EFETIVOS

Iara Aniboleti

Manuela Dantas

Waldecy Mathias Lucena

Boletim Informativo do CERJ:

Tiragem: 250 exemplares.

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escalar é um esporte de risco.



Abertura de Temporada 2006

Chegou mais uma Abertura de Temporada de Montanhismo e com ela a possibilidade de rever companheiros que há muito não vemos. Esse evento também dá oportunidade dos novos montanhistas conhecerem um pouco do glamour do nosso esporte. É de fato uma grande festa do povo da montanha.

Com ou sem temporada (período propício para a prática de nossas atividades, compreendido entre maio e início de outubro), o que percebemos é que no Rio de Janeiro o montanhismo é praticado de verão a verão, tamanho é o entusiasmo de seus praticantes.

O CERJ convoca seus sócios para comparecimento em massa nesse evento festivo. Data: 07 de maio de 2006 - Local: Praça General Tibúrcio - Urca. Para participar do sorteio, basta levar um quilo de alimento não perecível.

José Carlos Muniz

Presidente CERJ

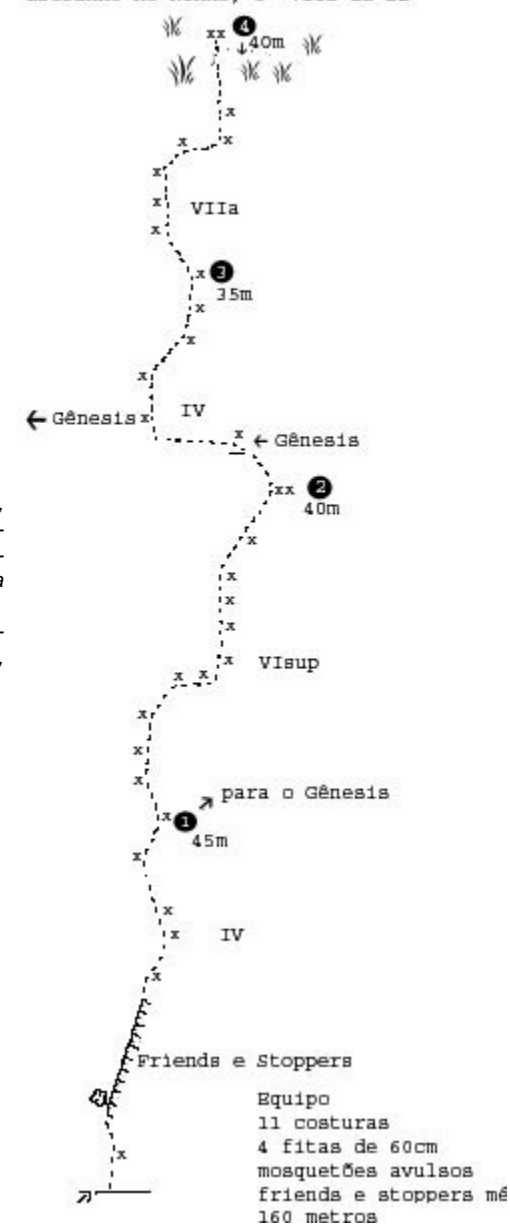
CBM 2006



A turma do CBM 2006: (à dir.) Leonardo (também conhecido como Leandrileonardo), a musa Adriana, Ricardo, Moniquinha, Marina, Ana Fucs, Luciana e Daniel, o galã (não estão Rodolfo, vulgo Zeca, e Cida) (Foto de Norma de Almeida)



Estranho no Ninho, 5ª VIIa E2 D2



Estranho no Ninho agora tem parada dupla

No final de março, Arnaldo, Julio, Rafael e Silvia, todos do CERJ, bateram duas paradas duplas na via Estranho no Ninho, no Pico da Tijuca: uma em P2 e outra em P4.

O trabalho foi realizado com a prévia autorização do conquistador da via, Antonio Paulo.



TEMPO DE VIDA DO NOSSO MATERIAL

Embora o nosso material de escalada (EPI) seja bastante caro e na maioria das vezes importado, não podemos negligenciar com o seu tempo de vida útil. Às vezes ficamos com pena de aposentar o nosso estimado material que já nos acompanha por tantas escaladas, já virou até íntimo. Pois é, todo equipamento tem vida útil, tantos os metálicos quanto os têxteis. Como a PETZL é uma das empresas mais conhecidas e conceituadas mundialmente em material de escalada, optei em colocar nesse artigo suas recomendações para VIDA ÚTIL dos materiais de escalada:

Metais - Segundo a PETZL, os produtos dela não tem limite de tempo.

Capacetes - 5 anos.

Fitas - 3 anos no máximo (6 meses em uso intenso e 12 meses uso normal).

Cordas - 6 meses a 1 ano (uso intenso), 1 a 3 anos (uso moderado) e 5 anos (uso esporádico).

Baudrier - 5 anos (c/ garantia de 3 anos) com ótimas condições de uso e armazenamento, sem queda importante, em perfeito estado.

Notas: Esses tempos são estimados sem levar em consideração o desgaste do material.

O tempo de utilização depende da intensidade do uso. É difícil estabelecer uma duração precisa, pois depende do ambiente que este material está sendo utilizado. Pois certos ambientes aceleram mais o processo de degradação do material: ambientes marinhos, arenosos ou químicos aceleram bastante o processo de desgaste do material.

Um desgaste ou uma deterioração expressiva pode limitar a utilização a somente uma vez.

Obs 1. A Wild Country, entre outras empresas, estima em 10 anos o tempo de vida de seus metais.

Obs 2. No caso da corda o tempo estimado foi colhido no catálogo da Beal.

Julio César Mello

Data	Atividade	Tipo	Responsável
5 e 6 de maio	Atividades diversas da velha guarda	Caminhadas e escaladas	Julio, Norma e Wal
06 de maio	Pedra da Cruz / CBM 2006	Caminhada semi-pesada	Miriam
07 de maio*	Lagartinho (base da Stop)	Mutirão de reflorestamento	Sávio
07 de maio	Coloridos / CBM 2006	Escaladas diversas	Julio
07 de maio	Confraternização na Praça General Tibúrcio, Urca	Abertura de Temporada	Natascha
20 de maio	Babilônia / CBM 2006	Escaladas diversas	Julio
21 de maio	Agulhinha da Gávea / CBM 2006	Escaladas diversas	Julio
07 de maio	Confraternização na Praça General Tibúrcio, Urca	Abertura de Temporada	Natascha
13 de maio	Maria Comprida	Caminhada pesada	Miriam
20 de maio	Babilônia / CBM 2006	Escaladas diversas	Julio
27 e 28 de maio	Cobiçado - Petrópolis / CBM 2006	Caminhada com bivaque	DT
27 de maio	Santo Antonio / PNSO	Caminhada pesada	Wal
04 de junho*	Lagartinho (base da Stop)	Mutirão de reflorestamento	Sávio

* Sempre no primeiro domingo de cada mês mas, se chover, é transferido para o domingo seguinte.

PRANCHETA INVERTIDA

Todos os sócios podem abrir prancheta invertida para os locais que desejarem ir. Basta pedir o formulário na secretaria do clube e anotar seu nome e a montanha ou via de escalada que gostaria de conhecer. Deixe o pedido no quadro de pranchetas.

Todos os sócios podem abrir prancheta invertida para os locais que desejarem ir. Basta pedir o formulário na secretaria do clube e anotar seu nome e a montanha ou via de escalada que gostaria de conhecer. Deixe o pedido no quadro de pranchetas.

PRANCHETA INVERTIDA

Exposição fotográfica do Marumbi

Para os meses de maio e junho de 2006, o nosso sócio-fotógrafo Sobral Pinto nos brindará com o tema: “Paredão Marumbi”, localizado no Parque Nacional da Tijuca (PNT), no primeiro dente da Serrilha do Papagaio, na Pedra João Antônio, com 919 metros de altitude, perto do Pico da Tijuca (1.021m).

Essa escalada, com vários paredões, diedro e chaminé, foi conquistada em 21 de agosto de 1951, pelos associados do CEB: Hélio Barroso, Carlos Costa Leite, José Gomes de Carvalho e Alfredo Maciel.

Era uma escalada bem técnica, com grampos e cabo de aço. Na escala da época foi classificada como 4º grau.

Seu nome foi dado em homenagem aos colegas marumbiristas do CMC (Círculo de Marumbiristas de Curitiba), no Paraná.

Os lances exigem força do escalador, além de aprimorada técnica de fissura e chaminé. Infelizmente esse paredão tem sido pouquíssimo frequentado em consequência de marimbondos no local.

Agradecimentos

O CERJ agradece ao nosso companheiro Pedro Carauta, que mesmo não frequentando o clube, tem nos ajudado com suas doações e nos incentivado com suas palavras de carinho.

O CERJ agradece também ao João Mollica, pela doação de um scanner.

E à Marli Campello pela doação de seu acervo, livros e revistas de Bariloche pertencentes à sua mãe, Helena Campello.

Montanhista mirim a caminho

Em abril tivemos a boa notícia de que Taino e Marta estão grávidos. Parabéns ao casal e uma excelente gestação para os pombinhos.

Abertura de Temporada

Dia 07 de maio tem Abertura de Temporada de Montanhismo na Urca. E na sexta-feira anterior, dia 05, tem festa da Abertura na sede do CEB. Não percam!!!

IV Semana da Montanha no PNSO

“Nas três primeiras edições, o evento ficou restrito a Petrópolis, mas em 2006 o estendemos para Terê. Os organizadores são CEP, SESC e IBAMA-PNSO. Fica obviamente o convite a todos os clubes para participar de todas as atividades do evento (ver em <http://www.compuland.com.br/cepetro>), mas o mais importante é o convite para uma grande INVASÃO DOS PICOS DA SERRA DOS ÓRGÃOS, COM FILMAGEM AÉREA. A “invasão” vai rolar no dia 27 de maio, sábado, com uma grande confraternização oferecida pelo parque no final. O parque também vai oferecer vagas para pernoite em alojamentos ou camping, para que todos possam estar no local também no domingo, no encerramento do evento, com diversas atividades e uma palestra do Wal (CERJ) sobre a história do montanhismo no estado do Rio de Janeiro. Contamos com a participação dos clubes na invasão, marcando excursões na sua programação. Acho interessante combinar quais os picos que cada clube vai para evitar congestionamentos.” *(Waldyr Neto - CEP)*

a dar a volta por cima naquela região que era totalmente tomada pelo capim colônio e periodicamente açoitada por incêndios. Hoje a paisagem é diferente. Onde antes tinha capim, temos um bosque proporcionando sombra e abrigo para inúmeras espécies de pássaros e répteis.

O CERJ adotou, em 2004, o Paredão Lagartinho, na Face Sul. Hoje, a região já apresenta um perfil diferenciado, com espécies de Mata Atlântica em pleno desenvolvimento e o colônio controlado. São os montanhistas do Cerj atuando em favor da recuperação ambiental daquela área.

Na face Sul, o casal Sérgio e Inês desenvolveu um bom trabalho de recomposição vegetal. Eles atuam no trecho que vai do final da Pista Cláudio Coutinho até a curva dos pilotis, ao longo da trilha. Trabalharam também alguns trechos marginais à pista Cláudio Coutinho.

O CEG desenvolveu também plantio e manutenção de mudas no colo entre o Pão de Açúcar e o Morro da Urca.

A recuperação da trilha do Morro da Urca, coordenada pelo Delson de Queiroz, da FEMERJ, foi um trabalho de primeira qualidade. Reordenou o caos que reinava ali e minimizou o grande impacto que o excessivo número de caminhantes provocava na trilha e adjacências.

O CEB desenvolve também plantio e manutenção na Face Norte do Morro da Urca, coordenado pelo Antonio Dias e pelo Menudo. Antonio Dias adotou também uma área no Grotão.

Mais recentemente, Mário Senna adotou uma área no Grotão (Face Leste), próximo ao Paredão Minchetti, e tem ajudado aquele trecho a se ver livre do capim e do risco de incêndios.

A atuação dessas equipes em prol do meio ambiente tem minimizado o forte impacto provocado pelo incremento no número de montanhistas naquela região.

Domingos Sávio Teixeira
Diretor de Ecologia

Colocando a mão na massa; e, mais abaixo, Nóbile, Sática, Cissa, Sávio, Antonio Dias e Francisco Ayres



RECUPERAÇÃO AMBIENTAL NO ENTORNO DO PÃO DE AÇÚCAR



*Reflorestamento do
Costão Leste*

O entorno do Morro do Pão de Açúcar tem se beneficiado do trabalho voluntário de diversas equipes de montanhistas que atuam na região. São cidadãos que resolveram “colocar a mão na massa” e não esperar pelo poder público para resolver um problema que afeta o meio ambiente de nossa cidade. Vários trechos da Floresta dos Colibris, no entorno do Pão de Açúcar, estavam tomados pelo capim colômbio, provocando risco de incêndios. O Costão Leste do Pão de Açúcar estava totalmente tomado por esse capim e era vitimado por incêndios periódicos, causando grande estrago à pouca vegetação que havia na rasa camada de solo. E, por causa da forte inclinação, as chuvas de verão provocavam forte erosão no solo desprotegido.

Há relatos de voluntários que trabalham na região há muitos anos, como o casal Nóbile e Sática, na Face Leste. Este casal adotou uma área de difícil recuperação, entre o mirante do Costão e o início do paredão e está obtendo sucesso nessa missão. Quem passa hoje no trecho final da trilha do Cos-

tão, antes de iniciar o paredão, já caminha à sombra de alguns arbustos. Uma vitória indiscutível da perseverança contra o capim colômbio, num trecho que em que a erosão se encarregava de “lixar” todos os nutrientes do solo. Eles adotaram uma outra área no Grotão, também na Face Leste, e estão trabalhando com afinco na recuperação daquele trecho.

Foi feito também excelente trabalho na Face Oeste, no trecho próximo à Via dos Italianos, onde um incêndio provocou grande estrago e o capim colômbio havia se instalado. A área está totalmente recuperada, fruto do trabalho persistente dos voluntários e da manutenção permanente, sem a qual o trabalho não teria sucesso.

Eu e a Cissa estamos recuperando parte do Costão Leste, do mirante ao mar, que foi adotado em 2002. Temos conseguido reverter, nesse trecho, a ditadura do capim colômbio pela diversidade das espécies de Mata Atlântica. Em 2003, adotei a nova área, no Grotão, e estamos ajudando a natureza

Maio

- 01 ANTONIO CARLOS JATOBÁ**
- GUSTAVO DE PAULA**
- 02 ANA CLAUDIA DINIZ**
- 04 ALFREDO DA COSTA NETO**
- JORGE FERNANDO MITRANO**
- JOSÉ CARLOS MUNIZ MOREIRA**
- 06 RONALDO PAES**
- 09 ENEIDA ARENT**
- 10 ROGÉRIO THEES**
- 13 DOMINGO SÁVIO TEIXEIRA**
- 14 EVAL OLYMPIO EGITO**
- 16 CARLOS ALBERTO CARROZZINO**
- 17 WALTER CHAVERRY VELLOSO**
- 17 JOY ANN SCOTT**
- 21 SOLANGE CONDE MARCELLO**
- 23 MARIA DE LOURDES C. FIGUEIREDO**
- 24 LUIZ CARLOS GUEDES F. DE SOUZA**
- 30 GUIDO JOSÉ GOMES FERRAZ**

ESSA TAL DE GALLOTTI...

Tudo começou com um telefonema do JP, 3 anos atrás, na véspera de réveillon 2003/2004; me ligou sugerindo um Dedo de Deus como última escalada do ano...Desde então fiquei de lhe retribuir a ligação com uma escalada inusitada e marcada "em cima da hora". Na quarta-feira estava eu no trabalho, às 16h30, quando meu chefe anunciou que não haveria expediente na quinta-feira santa.

Recado no celular de JP: Jota, Gallotti amanhã, pelo amor de deus!!! Me liga!!! Show. Cinco minutos depois toca o telefone e ouço do outro lado: FECHADO!! Shooooow!

Vários fatores influenciaram nesta decisão de fazer a Gallotti. Depois de seis tentativas frustradas de entrar nesta via, Jota tinha muita vontade de fazê-la, e este desejo foi crescendo toda vez que a chuva levava por água abaixo os planos. Sabendo também que havia tempos que o CERJ não entrava nela (pelo que eu saiba), e que, apesar de ser uma via clássica, poucos a fizeram e isto me deixava intrigado...

Ponto de encontro às 8:00 na Urca, de chinelos, baudrier na cintura, sapatilhas penduradas...tudo pra evitar peso e levar só uma mochila. Estamos nos arrumando e eis que surge o Zé, passeando com as gringas por lá. Cumprimentos, abraços e desejos de boa sorte dados, partimos para a empreitada. A trilha inicial foi moleza, mas como não sabíamos onde ficava a base, nos desviamos um pouco, o que nos obrigou a fazer uma pequena horizontal e rapelar da base da via "Urubu à vista" até o começo da chaminé Gallotti. Neste trajeto, a garrafa de água do Jota caiu e foi rolando Mato adentro...até pensamos em recuperá-la, mas pensamos: 2½ litros de água e 1 pacotinho de amendoim são suficientes né? Afinal, é só a Gallotti (ledo engano...).

Já equipados, e na base da via, combinamos de revezar a guiada, e como eu tinha feito a horizontal, comecei a primeira enfiada às 9h. A chaminé em si me dá uma sensação de segurança, uma sensação de que é

impossível cair, então estava guiando tranquilo, mesmo sabendo que estava entrando na Gallotti à vista, sem sequer ter olhado o croqui da via no Guia da Urca... Como estava indo tranquilo, o Jota foi me dando corda, até mesmo para eu ver até onde conseguiria ir...Fui chegando nos grampos e, quando a corda ficava muito pesada pelo arrasto, puxava o Jota (pois também não tinha a mínima idéia de onde eram as paradas nem onde estavam os próximos grampos...).

Cheguei em um platozinho onde gritei: "Jota, eu não tenho a mínima idéia de como eu faço isso daqui!!" Era o lance do estribo... Foi engraçado ver o Jota lá embaixo me dando segurança, explicando como passar um lance que ele nunca tinha visto na vida... "Porra Jota, sobe aqui e me mostra!! Tá na minha, pode subir..." Ele me mostrou como subir (em teoria) e então lá fui eu, de novo, tocando pra cima em busca de outros grampos... Houve uma hora, numa parada qualquer, que percebemos que estava acabando a água pelo seguinte comentário: "Show, se você derramar outra gota de água no chão, vou ser obrigado a te bater... De agora em diante, um gole pra cada um."

Outros perrengues, outros arranhões e outros grampos, a água acabando, e o meu psicológico também... Cheguei até a P5 (tive que olhar depois no guia) e falei pro Jota: "Aê mermão, parei! sua vez de guiar!" Enquanto ele guiava a chaminé antes da oposição da meia lua, fui me recuperando, e bebendo água às escondidas do Jota até ele não agüentar mais e pedir pra descer até o platô onde eu estava.

A idéia inicial era ir até onde desse. "Se não der, a gente volta...", mas lá, depois de tanto perrengue, teria que tentar vencer esse lance da meia lua, pelo menos tentar...Subi de prussik até onde o Jota havia largado a última costura e lá vamos nós...Mais perrengue, mais arranhões e outro grampo, ufa!!! Que nada. A água acabou!!!! Continuei até um platozinho dentro da chaminé Gia, onde fiz uma parada com os móveis que tinha

levado e olhei pra cima... O grampo estava no meio de uma parede completamente molhada e escorrendo... Não era esse tipo de água que eu queria...Puxei o Jota até um pouco abaixo, onde ele ficasse em um grampo e falei: Não dá pra continuar...vamos descer...Lacei uma pedra, me desencordei, armei o rapel na fita e tirei os friends da parada. Nunca tinha rapelado numa fita antes e confesso que não gostei muito, mas não tinha jeito...

Cheguei até o Jota. Estava exausto, faminto, sedento, arranhado e dolorido. Eram 16h30 e só tínhamos comido um pacotinho de amendoim...Pedi pra ele abrir o rapel que eu estava sem condições. Ele me aconselhou a revisar os passos de segurança do rapel em voz alta, e isso me ajudou bastante... Combinamos que assim que ele chegasse na base, iria procurar a garrafa d'água que tinha caído...Voltei à terra às 18h, (horário de Brasília, GMT - 3h) após nove horas guiando a Gallotti à vista. Fui recebido pelo Jota exibindo uma garrafa linda, maravilhosa, espetacular de água!!! Shooooow...

Enquanto nos arrumávamos no escuro, Jota encostou numa árvore e fomos atacados por formigas fantasmas que nos pegaram de surpresa! Jota, depois de ficar pelado, conseguiu se livrar delas e minhas pernas, que já ardiam dos arranhões, agora também ardiam das picadas...no final minha sandália arrebitou e, como só o Jota tinha levado lanterna, desci a trilha no escuro, descalço, chutando pedras e rindo sozinho... Tinha acabado de guiar a Gallotti à vista. Não chegamos até o fim, mas tiramos o manto de mistério que a envolvia. Shooooow!

"Perrengue é bom quando acaba, é bom quando a gente relata, mas na hora é PERRENGUE!"

Rodrigo Show Molinari

A chaminé Gallotti segue pela parte interior do Lagartão, pelo lado direito.

A via (5° VI E3 D3 280 m) é uma conquista do CEC de 1954

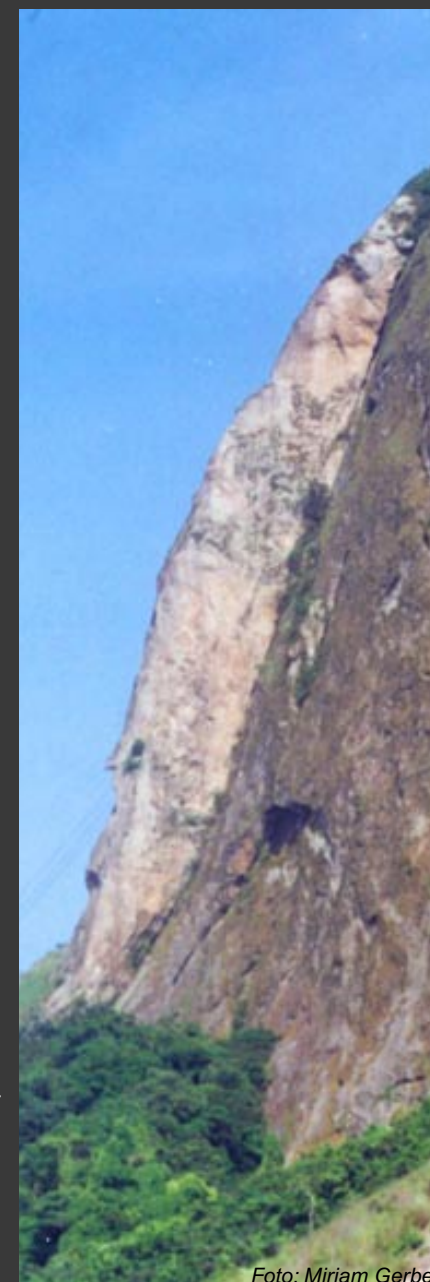


Foto: Miriam Gerber